

A PRODUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR NO BRASIL UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS SOCIO-ECONÔMICOS DA IMPLANTAÇÃO DO COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO NO MUNICÍPIO DE VICENTINÓPOLIS

Marina Pereira Lima¹

Mario Cesar Gomes de Castro²

¹ Graduanda em Ciências Econômicas, UEG/CCSEH – Anápolis, Goiás. *E-mail:* marina.ina.pereira@gmail.com

² Curso de Ciências Econômicas, CCSEH/UEG - UNB. Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

A cana-de-açúcar é uma das principais culturas da economia brasileira. O Brasil não é somente o maior produtor de cana do mundo, mas também o primeiro na produção de açúcar e etanol e atrai, cada vez mais, o mercado externo com o uso do biocombustível como opção energética. Atualmente o Brasil é responsável por mais da metade de todo o açúcar comercializado no mundo, sendo também o maior exportador de etanol.

A produção da cana-de-açúcar iniciou-se no período colonial e ao longo do tempo houve grandes mudanças no processo de cultivo e de industrialização da cana, além da evolução da produção em diferentes regiões do país. Como no estado de Goiás, que a produção de derivados da cana de açúcar remonta ao começo do Século XX, sofreu expansão.

Todavia, pouco se sabe sobre os impactos socioeconômicos diretos e indiretos desse processo em Goiás, além dos avanços tecnológicos desenvolvidos. Fato que levou a se fazer uma análise dos impactos socioeconômicos da implantação do complexo sucroalcooleiro, estudando um município que a pouco tempo teve uma usina implantada em seu território: o caso de Vicentinópolis.

Metodologia

Neste texto o objetivo é apresentar uma síntese do levantamento bibliográfico que se faz para o trabalho de curso, quando se pretende apresentar os impactos socioeconômicos no município de Vicentinópolis/Goiás, da implantação de usina sucroalcooleiro.

No caso específico, será feito um breve levantamento da implantação do complexo sucroalcooleiro no Brasil, até sua chegada em Vicentinópolis.

Os dados para realização deste estudo serão agrupados por meio de pesquisa bibliográfica, o conteúdo será sistematizado com base em materiais disponíveis em livros, artigos, revistas, jornais, anais, etc.

Referencial Teórico

De acordo com Furtado (2005), o governo português concentrou seus esforços no setor açucareiro, apesar das grandes dificuldades como o meio físico, a agressividade dos escravos nativos e os custos do transporte. Para compensar, eram concedidos benefícios a aqueles que instalassem engenhos, como isenções de tributos e garantia contra o embargo de instrumentos de produção, contudo, a grande dificuldade era encontrar mão-de-obra, problema que teve melhora com a chegada dos escravos africanos em substituição aos índios.

Superada as dificuldades iniciais, a colônia açucareira se desenvolveu rapidamente. No final do século XVI a produção de açúcar talvez superasse dois milhões de arrobas, e estava cada vez mais rentável, estima-se que era suficientemente rentável para autofinanciar uma duplicação da capacidade produtiva a cada dois anos, porém essa potencialidade não foi usada pois o crescimento da indústria dependia da possibilidade de absorção dos mercados compradores. (FURTADO, 2005).

Para Furtado (2005), os empresários desde o começo tiveram que operar em grande escala em comparação com as ilhas do Atlântico, devido as condições do meio que não permitiam cogitar pequenos engenhos, a mão-de-obra europeia especializada e os equipamentos eram o que se importava na fase inicial.

Segundo Ramos (2008), a crise de 1929 evidenciou ainda mais a crise na indústria canavieira que o Brasil estava vivenciando nos últimos anos, pois se tratava de uma disputa pelo mercado interno, já que o nordeste não estava mais exportando, e o crescimento da indústria canavieira em São Paulo aumentava em decorrência dos investimentos feitos pelos produtores de café, em usinas e engenhos, para que não fosse necessário importar açúcar do nordeste. O que provocou uma relativa estabilização dos preços do açúcar e do álcool no mercado interno. As exportações do açúcar só alcançaram uma importância em 1955, quando ocorreu a Revolução em Cuba, abrindo a possibilidade de um lugar de parte do açúcar brasileiro no mercado norte-americano. (RAMOS, 2008)

A agroindústria da cana-de-açúcar teve grande impulso no século XX, principalmente a partir da década de 1970, devido aos altos preços do petróleo, o etanol passou a desenvolver um importante papel na economia brasileira, por substituir a gasolina veicular e minimizar os resultados do endividamento nacional associado a importação de petróleo (TRINDADE, 2015).

Segundo Abdala e Ribeiro (2011), a cultura da cana no Brasil ocorreu com maior intensidade no período de implantação do Programa Nacional do Álcool (Proálcool) em 1975. A 1ª fase desse programa (1974-1979) foi caracterizada pela produção de álcool anidro, produzido em destilarias associadas às usinas de açúcar. O álcool anidro foi usado para misturar-se a gasolina e, com isso, permitir a economia de divisas derivadas da importação de petróleo. Em Goiás, os reflexos dessa fase são observados com maior intensidade nos municípios de Santa Helena, e em Goianésia.

Conforme Trindade (2015), na década de 1980, quando a crise do preço do petróleo foi razoavelmente superada, o setor sucroalcooleiro deixou de receber subsídios do governo, originados do Programa Nacional do Álcool, (PROÁLCOOL). Apesar disto o setor se manteve com certa estabilidade até quase o final da década de 1990, principalmente pela produção de açúcar que sempre representou um produto importante do mercado nacional e de exportação principalmente, porque o Brasil é um dos maiores produtores de açúcar do mundo.

De acordo com Miziara e Ferreira (2008, *apud* ABDALA; RIBEIRO, 2011), a 2ª fase do programa PROÁLCOOL (1979-1986), começou com o 2º choque do petróleo o que provocou em grandes elevações de seu preço. É marcada pela produção de álcool hidratado para atender ao consumo em aumento dos veículos movidos apenas pelo álcool. Nessa fase há uma grande ampliação das destilarias associadas às usinas de açúcar e o aparecimento de destilarias independentes e, logo, um amplo crescimento do volume produzido de álcool, que passou de 3.396,4 mil m³ em 1979, para 10.539,3 mil m³, em 1986. Esse período consolidou a produção sucroalcooleira em Goiás, ao longo do eixo Norte-Sul, induzida pelas principais vias de escoamento do Estado.

Segundo Ramos (2008), é evidente os desdobramentos feitos pelos produtores para a distribuição da cana moída, até a safra de 1976 toda a cana era destinada a produção de açúcar, na safra de 1977 3,3% da produção foi destinado para o álcool, e na safra seguinte o álcool tinha para sua produção 55,5%, da fabricação de cana moída. Logo o resultado principal do PROÁLCOOL foi o aumento do mercado de álcool, proporcionando a continuidade e a ampliação da capacidade do processo de esmagamento de cana-de-açúcar.

O programa necessitou também do apoio efetivo e inclusão de outros agentes relacionados ao mercado de combustíveis, e a partir de 1979 as montadoras multinacionais instaladas no Brasil, aderiram ao programa e iniciaram a produção de automóveis movidos a álcool. As vendas destes veículos foram de 3,1 mil unidades em 1979 e alcançaram 233,8 mil em 1982. Além das conversões feitas para álcool de carros que antes eram movidos a

gasolina.

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (2012), no que diz respeito ao açúcar e ao álcool etílico, a maior parte de sua produção é originada de indústrias equipadas para a fabricação dos dois produtos. Esta particularidade se estabeleceu a partir da década dos anos 70 como resultado de políticas macroeconômicas daquele período, que tornou possível a implantação de programas de produção e o uso indispensável de álcool etílico como combustível automotivo.

Esses programas desenvolveram um grande mercado interno para esse produto e permitiu que o Brasil criasse um modelo de indústria diversificada, que destina parte do caldo da cana-de-açúcar para a fabricação de açúcar e parte para a produção de álcool, sem nada parecido em outros países produtores de cana-de-açúcar.

Segundo Trindade (2015), desde a primeira metade dos anos 2000, foi introduzido no mercado brasileiro um novo tipo de veículo, flex-fuel, capaz de utilizar como combustível, a gasolina, o álcool etílico, ou a mistura de ambos em qualquer proporção graças ao desenvolvimento de novas tecnologias de motorização automobilística. Como o álcool etílico combustível tem, no Brasil, preços mais atraentes que a gasolina, este novo veículo tornou-se um sucesso de vendas.

Este movimento teve grande influencia no Centro-Oeste que apesar deste não ser uma região tradicional na produção canavieira, mas grande produtora de grãos e carne, ligado aos sistemas logísticos que o interliga ao Sudeste e ao Sul do País. Nesta região o maior produtor regional é o estado de Goiás, que vem recebendo nos últimos anos grandes investimentos do setor e aumentado a sua participação significativamente no mercado nacional e internacional. (TRINDADE, 2015). E tem ganhado destaque nos últimos anos por ter se tornado um estado com um grande número de usinas e área plantada em relação aos demais estados. Principalmente pela terra apropriada para o cultivo da cana-de-açúcar e pela facilidade de transporte por se localizar no centro do país.

Em Vicentinópolis a usina produtora de álcool e açúcar (Usina Caçu) foi implantada em 04/2009, com expectativa de moer um milhão de toneladas de cana-de-açúcar e empregar aproximadamente 1,3 mil pessoas. Acrescentando que o município contava em 2010 com 7.371 habitantes, com estimativa de chegar à 8.286 pessoas em 2016 (IMB, 2016).

Pode-se acrescentar que o município foi beneficiário da nova onda impulsionadora da produção de álcool, provocada pela introdução dos motores flex e dos incentivos dados pelo governo do estado para atração de indústrias.

A implantação da indústria sucroalcooleira é considerada grande marco para a cidade de Vicentinópolis, com o grande aumento de produção de cana-de-açúcar, assim como as alterações no uso do solo. E os resultados dos impactos ainda necessitam de estudos. Contudo, há evidências de resultados positivos em outros municípios, conforme demonstram estudos de Ferreira et al. (2010) que analisou Ceres/Go e de Torres (2013) que se debruçou sobre as realidades de Alagoas, Goiás, Paraná e São Paulo.

Conclusão

Desde os primórdios da plantação da cana-de-açúcar e fabricação do açúcar no Brasil, exigiu produção em grande escala e superação de problemas com mão-de-obra e incentivos oficiais para superar a concorrência externa. Contudo, o setor sobreviveu e se fortaleceu com o advento da crise do petróleo e a criação do Proálcool.

O fortalecimento e expansão do setor se fez sentir em Goiás revitalizando antigos engenhos, principalmente na região sul do estado. Este movimento em Goiás tal qual a situação brasileira obedeceu aos ciclos expansionistas deste último. Sendo que o impulso com o advento do motor flex, atingiu terras de Vicentinópolis com a implantação de uma usina. Provocando grande alteração na realidade socioeconômica do município, como o fato de já na sua implantação a usina pretender empregar aproximadamente 18% da população. Implicação eu merece estudos mais aprofundados.

Referências

ABDALA, K. D. O.; RIBEIRO, L. Análise dos impactos da competição pelo uso do solo no estado de Goiás durante o período 2000 a 2009, provenientes da expansão do complexo sucroalcooleiro. **RBE**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 4, p. 373-400, out/dez, 2011.

FERREIRA, Lara C. G.; DEUS, João B. O uso do território e as redes na microrregião Ceres (GO: o caso das agroindústrias sucroalcooleiras. **B. Goiano Geogr.**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 67-80, jul/dez. 2010.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Nacional, 2005.

RAMOS, Pedro. A evolução da agroindústria canavieira e os mercados de açúcar e de álcool carburante no Brasil: a necessidade de planejamento e controle. **Anais...** XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco/Acre, 20 a 23 de julho 2008.

TORRES, Laura J. P. C. **Análise de indicadores socioeconômicos para avaliação de impactos da cana-de-açúcar nos principais estados produtores**. 2013. 215 f. Tese (Doutorado em Planejamento de Sistemas Energéticos) – Faculdade de Engenharia Mecânica.



Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

TRINDADE, S. P. **Aptidão agrícola, mudanças de usos dos solos, conflitos e impactos diretos e indiretos da expansão da cana-de-açúcar na região sudoeste goiano.** 2015. 187 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.